1

O que tenho eu com os assuntos do mundo?
O que tenho com eles
E ele comigo?

A história some longe
E não se escreve por estas esquinas,
Difícil mesmo dizer
Se realmente existem

-Vazias quadras inúteis
Em vida sem testemunho
Ainda que se a vissem.

Insignificante anônimo nada anda
O andar de todos os homens,
Perdido em voltas de círculos,
Esmagados em concreto físico
Seus velhos e mesmos anos...

E também a mim a sujeira dessas ruas impregnou a alma...
Alma... muito nobre pra um defeito de não estar sóbrio...
A náusea se traduz em ressaca,
Um muito ter tido e muito ter quisto
Que se desgasta
E se acaba
Morto,
Repetido,
O agora um precipício
Onde nada transcende a si
E tudo foge com o momento.

Em outros a novidade dança aos olhos,
Outros olhos,
Não os meus.

Seria preciso ver externamente,
Não mais meu, demasiado eu
Essa mágoa em cada ato incompleto da falência inteira que sou,
Contingência inerte,
Incompletude plena,
Maldita necessidade cega de absoluto.

Um nunca estar presente,
Nunca realmente presente,
Essa difícil desenvoltura num alheamento tão grande...
Descoincidência,
Desencontro,
Um desajeito...

E como começou?
O Vero, a Glória, o Olímpo,
A História, o Amor, o Nobre, o Digno,
O Eterno, o Único, o que é isso?
Um abismo onde se afoga?

Idealistas imbecis!
Grandes trapaças!
Se calem em minha mente até que não reste nada
Senão o objeto objetivo em minha frente,

Queimem-se as asas de Ícaro nas pretensões de inseto,
Que morra o ímpeto
E em si se contente

Quando vou estar cansado,
Realmente cansado,
Exaustivamente cansado
E nada ter senão não pensar?

Não, não estou tão arrasado para escrever,
E isso é ainda pior,
O meio termo que não é nada
De qualquer forma é preciso viver
E isso vale mais que rascunhos em papel, não?

Escrevo aos espasmos,
Costuro retalhos,
Evito emitir juízos
Porque nada nunca é bastante

Intoxico meus nervos diariamente,
Um dia me canso
E cauterizo todos eles...

Mas não, ainda sentem...

Em milhares de pequenas expectativas e decepções...

Um passado que me pesa,
Um futuro que desprezo
Esmagam o agora imóvel

Espero, espero, espero,
O que afinal?

Por quê?

Em um crepúsculo sem luzes,
O dia se finda em paisagens ocas,
A noite entra pelos olhos, boca e nariz,
Uma angústia me sobe pela espinha até a nuca
E a minha irrealidade se torna a das coisas...

-Monstros que assombram...

Impossível meu não ser,
Impossível que eu seja,
Sombras e paredes me olham,
Não me vejo...

Num funeral de silêncio estático
Vivo uma escala de tempo errada,

Sem lugar,
Não me escapo

E a inércia afunda em círculos,

Fragmentos,

Muitas mesmas mortes...

Em um mecanicamente aceso cigarro
O vazio gesto esvaído a nada,
O esforço que em si se desgasta,
Como se demandassem pensamentos milhares,
Não pernas,
Braços -
Invisíveis em mares de sombras...

Como tantas as minhas vidas...
-Outras

(E também essa não me pertence)

Como insetos a andar em paredes,
Como vermes a viver de sujeira,
Como vísceras de tudo expostas e olhos
-Alheios

Como a insônia que aparta a mim
Do real esquecer-se de si,
Do real esquecerem-se as coisas,
Do real Esquecer-se
Medianamente
Em ponderações
Razoáveis

Cada ato supérfluo uma permanência obscena e ainda assim hesitante,
Eu e tudo despedaçadamente o mesmo -
Arremedos
De arremedos
Insistentes

A desesperar-se roendo-se em espera
A sadicamente incomodar-se,
A pisar-se,
Arranhar-se,
Burlar-se,
Partir-se,
Privar-se,
Trair-se,
Olvidar-se,
Exilar-se
Erguer-se,
Prostrar-se,
Esmagar-se,
Chega.

Não moveria um dedo ainda que pudesse...
Nem um gesto-
(Como se lábios quisessem falar,
Como se o peito insistisse respirar)-
Nada,

O inelutável determinismo se resolve nisto,
Nada.

Não mais sei onde tudo se quebrou,
Não mais quero o saber.

Não importa,
Não é assunto meu.

Quando
O fim
Enfim?

(...)

O cansaço,
O ver como ter,
Me esgotou,
Exauriu
Hoje sou só eu
E o silêncio é bom.

Me vejo friamente como um exemplar qualquer,
Historicamente localizado,
Humanamente determinado,
Esse cidadão cuja vida inteira testemunhei,
Cujas fraquezas deplorei,
De cujos desejos me enojei,
E cujos pecados, perdoei...

Sobrevivi-me,
Nada ganhei.

A solidão é uma benção.

2

Um trago desse cigarro,
Antes que meu coração se parta
E eu me acabe
Sem sangue nas veias

Tudo levado ao máximo
Limite sem ser do extremo,
Quem dera ainda o fossem
Os dias que tenho sem vê-los...

A vida em ato
A posse
A ambição desmesurada
A sorte...

Mas hoje rangem-se em mim os meus braços
Dos golpes dados vazios...
Sou eu o que ainda não alcanço
E tenho não tê-lo comigo?

Nada disso.

O corpo se parta,
A carne se rasgue,
Os ossos estalem...

E também isso não significa nada...

O que é, é o que vejo e o que vejo é,
Não se vendo

Hipóteses e mais hipóteses em uma poça de que não sei bem profundidade,
Secessões e aporias em autogênese contínua do real,
Metafísicas de bolso, a cada coisa a sua,
e às que não trago, invento...

Metafísicas,
E coisas...

À eterna incongruência de todas, ergo o copo...

E o copo se move!!!
(Na madrugada dos acontecimentos
Algo se move também...)

E meus olhos inundam meu ver
Que se imunda à poeira de Ser, pois tudo É,

é...

Ainda que seja tudo tão pouco...

E o que é o corpo?
O que é um fato?
Mola que de si não distende!

Não, não paro,
Se paro morro,
Anda, um trago...

3

I
Cega-me os olhos a direta imagem
como se queimasse
Qual próxima tal fosse eu
Incerto e contingente desastre
Homicida ser
De outro não abstrato eu
E seu natimorto talvez

Esmagado em imagens opacas...

II
Mas quem é este estranho ao espelho?
Só reconheço os olhos
E esses me rasgam,
Repetidos em outros mesmos,
Não por um agora aqui,

Mas em um posicionamento que se move
Em círculos de si
Na vertigem que cai...

Já dois

III
Por cirandas de rodas rodadas,
Em voltas em torno de nada,
Cubistas amarelas jogadas,
Me chamam...

Não é assunto meu,
Nada é assunto meu,
Nem eu...

Sou eu só a janela por onde se vê
Quem
Vê (?)

Um passo atrás de mim
E tão real e verossímil quanto qualquer coisa que eu veja,
Em círculos ou ponto em círculos idem -Outros?
Quebra-se a identidade unitária em mares de cacos de espelhos,

Distância adequada a que as coisas não toquem.

4

Tenho vertigem às palavras,
Apoiam-se umas às outras
E todas
Sobre nada.

Na altura de tais torres
De ambições infundadas,
A humanidade equilibrada
Em mil línguas faladas

(E por seus corredores,
Em lances de escadas,
Vagueiam mortais
De vida esmagada,
Sem ver precipício
Em paredes cerradas,
Em se ter tudo dito
Minha boca calada)

E assim é a mim,
Porém não a outros,
Cegos por muros
Se riem por pouco,
Ao falar têm por feito
E inédito o falado
Como se deuses o verbo
Tornassem ato...

(Faz rir-lhes a mente
Do acontecer o estranhar,
Não ainda dizer,
Mas ainda o olhar,
Têm diante o mistério
Que ao entender se escapa,
Indizível vácuo
Tornado palavra)

E no falar coletivo,
Na cultura impensada,
Inútil o presente
Se move qual vaga
Ao topo e a torre
Uma pedra aumentada,
Mais um pouco se ergue,
Adiando tal nada

(Mas a mim o silêncio
Reboa lá fora,
Ecoa por dentro,
Ensurdece a alma)

5

Fotos antigas, velhas as vidas
Insignificante, irrelevante,
Mas é fato, foi,
Eterno enquanto morto.
E também já não são mortos todos os de agora?

Vejo o acontecer escorregar para a existência,
Em seu chegar, ficar, passar,
Do movimento na essência,
Sem querer, só por estar.

Tudo isso e o que resta
Do amor, dor e fúria,
Petrificado em moldura
Em uma sala a enfeitar.

E, então, todos mortos, eu presente,
Testemunho futuro passado,
Onde nos mortos meu olhar vive
A perfeição do pleno ato

Que da história a memória não vê
A solidão de ter-se acabado,
Mas tenho a mim o tempo que a outros
A sete palmos segue encerrado.

E aquilo que sigo aqui
É o que a velha uma vez falou:
“Na água não há marcas
De lugar onde passou,
Nos traços do acaso
Não vê-se autor,

Um dia ele morreu
E morto ele ficou”.

Então brinco no pó do cemitério,
Rabisco em estátuas do pretérito,
Rio e quem me olha,
De Deus o olhar?

Mas,
Só um segundo e me distraio,
Todos vivem e estou morto,
Enterrado
Em mil rótulos observado, catalogado,
Como se a boca estivesse cheia de
sangue
Amargo.

6

Existe amor, existe algo,
Além do eu e a solidão,
Provocação em que não me basto
E nada sou enquanto não

Me apoio em paredes sujas
E na ilusão banal e burra
Tento ser em quem não sou.

Porque isso, o desperdício,
Me imaginar no impossível,
Em algo além do escuro frio
Não só ser, mas parecer?

Não acontecer, mas se dizer,
Não fazer, mas repetir,
Não olhar, mas relatar,
Não descansar de só estar,
Mas descansar por sucumbir?

O que fui, sou, serei
Aos olhos de outro prenderei
Em olhos me olhando me verei
E de mim mesmo esquecerei?

Vontade cansada, vontade fraca
Daquele em quem o tempo passa
E que teimando ainda se tarda
Esperando em outro viver.

A cada segundo que se escapa
Aumenta o preço ao qual se paga,
Ainda mais rápido o perecer.

7

Acabou-se...

A estrada,
O jogo,
A sorte,
O ouro...

E daí?

Nasço e morro a cada instante,
Importaria se eu fosse
Eu que era antes.

Esperança espera algo,
A mim mesmo não espero,
Em presente atemporal
Nada ganho, nada perco,
O querer e o alcançar
No agora são o mesmo,
Sem mim o mundo segue
Mas é meu só por sabê-lo

Solitário eu,
Sendo eu quem vejo

Eterno ser do ser efêmero.

8

A palavra pública e burocrática

Não traduz o absurdo que me cala
A voz e a pena.
Ou caneta?

Mas de fato, uso uma caneta!

Definição de dicionário: a caneta segura a pena, forço a rima à existência.

Caneta
Canaleta
Baqueta
Enxaqueca

Tanto falei,
Que sumi,
Chega.

De martelar no mesmo tema
A água bate até que seca.

9

Pilhas e pilhas de coisas, papéis, documentos, trapos, poeira, memória, sujeira
Espalhadas à sorte inútil e fria,
Quadros sem ordem do sentido que um dia
Tiveram em comum serem minhas.

Sintomas de uma vida hoje alheia e anônima,
Planos, projetos, esperanças de ontem,
Morto silêncio em sala vazia

Onde em escombros assombra lembrança perdida,
Reminiscência a meus olhos quase já não sentida
E que sem ter quem a tenha ao léu morre sozinha-
Sou eu o que é minha vida?

Irreconhecível caótico padrão em retalhos,
Retrato abstrato de mim,
A vida das coisas - ferrugem, poeira e acaso,
Deixei-as jogadas a andarem por si.

Sobre umas as outras em marcas o tempo,
Imagem quebrada em partido espelho,
Faz todo um não todo em figura cubista,

Do que foi o passado hoje em cacos relíquia,
Por obra impossível em traços de vida,
Faz do acaso sublime a desordem harmonia...

Tudo isso ao lixo.
Mudei-me...

10

11

O caos do mundo me engoliu,
Não sei pensar,
Fazer,
Sentir.

Na confusão das vozes, a minha sumiu,
Não ter onde estar,
Ficar,
Partir.

As palavras enterram o olhar que ruiu,
Andar por andar
Por nunca poder
Fugir de mim.

Mas alguém sabe o que fala,
Existe saber?
Ou confusão de palavras
Onde a razão se perder?

E todos sabem o que falam
E falam a si,
Sem algo fora existir,
Sem porque exprimir

Só não sei palavras
Que digam a mim
Como o solipsista conversa
Sem ter quem lhe ouvir.

14

Na janela à toa,
Vento e coisas,
A vida solta
De palavras não ditas,
Pela estrada que passa
Some a menina,
Um quase nada
Se diverte de ser...

Por vias vazias,
Em horas vadias,
Ao dia obscuro,
Profundo e extenso
De existências que orvalham
Aqui e ali...

O mundo não é de ninguém...

(Céu fechado em cinza,
Cinza-céu-
Rumor em gotas,
Cair desconjunto-
Como tudo)

Ao longe,
Sons de sinos,
Só os sons,
Não os sinos

Pássaros em linguagens obscuras que
por conveniência chamo pássaros,

Ruído de vento em folhas de quintal
algum...

Em aqui tudo sendo,
Não ainda lugar.

15

Pensamentos e atos,
Folhas que desfolham
De mim ao solo
Pela vasta floresta

-Úmida, negra, enorme.

De outras árvores
Só vejo ao chão,
A Terra abaixo,
Em superstições

12

Rio,
Rio,
Gargalho,
Me parto
Em dois,

Dois lados,
De um lado,
Me vejo,
Do outro,
Só olho,
Entreles
Se passa
O rio
Do riso,
Sarcasmo
Que parte
Em dois,
Dois lados.

13
Seco pra lágrimas,
E pro que for,
Nada,
Nada,
Nada,
Queria falar
Mesma palavra
Dez mil vezes
Até que me escute, ouça,
Que me sangre
Mas seja
Vero
Físico
Real
Como a boca no chão quando se cai
-Dói,
Doa,
Como for...
Concreto
Áspero
Alheio
E o beijo
Exista
Sendo
O nada
Outro
Que é.

16
Que me mate,
A mim,
Impossível
Não ser-me,
Sou-me
Sendo
A mim,
Anti-
Tese.

17
Dor é a contradição interna
Do ser que não devia
Mas é e não se escapa,
Não é e ainda sendo
A nada torna o nada.

18
Lirismo, ora,
Não sou tão
Eu, eu, eu
Sou o que não sou
E assim se deve ser
Obj
Etiva
Men
Te.

19
Como a cortiça à tona,
O que sou à superfície,
Meu abismo abaixo
É, mas não existe.

20
Cansei,
Que faço?

Não durmo
E agora,
Que busco?

Não paro,
Não parto,
Me mato,
Que faço?

Espero calado
O mesmo
Fado?

-Leia-me rápido,
E assim me escapo

Ímpar,
Sem par,

Sem verso

21
Poesia é o ofício do ócio,

O calar prolixo

E o tácito falar.

E então,
Agora,
Me contradigo

Contrasto ilógico
Ser e estar

- Adiante,
Se quisesse coerência filosofava -

Não ver as palavras por dentro,
Mas ao vento lá fora,
Jogá-las ao mar

De apócrifos inúteis momentos,
Entre a queda e o solo,
Em intuído pensar.

22

Sem mais ter porque
A dor anda por si,
Velho mesmo verme
Roendo a mim

-E então, como vamos?
Digo eu ao verme.

E diz-me ele:
-Falar consome,
Mas responde-me
Tu que em palavras te fias
O que tais carcaças vazias
Trazem a ti e a mim?

Nada sei,
Mas ainda respondo,
Falo,
Pergunto,
Realimento...

E de novo o verme contorce,

Come-se,
Vomita-se,
Metásta-se

23

Minha bela, o mundo é muito mais
Que só eu e você

Pessoas morrem como moscas,
Reinos caem como folhas,
Você sabe, sempre soube,
Ou então não sabe nada
E achei sempre que soubesses

Da grande insônia da vida,
Da longa estrada dividida,
Da vã esperança partida,
Da humana batalha perdida...

E no que importa
Amanhecer?

Que importa o ferro
A carne
Calcinar?

Que importa nu o peito da criança
Sob a suja bota militar?

E então,
Que importa-nos,
Nós?

O tão grande dizer,
E o tão nada a relatar...

Ah, tua ausente presença...
Que sabe?
Que importa?
Que me faz?

Lembra-me,
Lembra-me...

24

Sem mãe,
Sem pátria,
Sem Deus,

É o que sou
E nem isso,
Nem eu.

Sem lugar,
Exilado de mim,
Me desterro

Doente do olhar,
Por mágoa sem fim,
Me cego.

25

Ser pra que

Ser sem por quê?
O mundo só é,
Não sabe o quê.

26
Poesia é senso de estética a exprimir o olhar por entre palavras,
Já essas são cegas.

27
A luz do sol gela,
O descanso atormenta,
O desejo se consome na espera,
A brisa o rosto queima,
Viver mata.

28
O acontecer se move,
Palavras são estáticas,
Poesia é tentativa de movimento,
A música, pleno ato.

29
Deprimido e bêbado eu já era,
Minha mulher foi embora.
Que falta a um poeta?

30
Olhos inquietos,
Da perspectiva em busca
Moldam palavras
A si e à coisa
Uma vez faladas,
Vazias e mortas,
Em outros dá forma
A olhos inúteis

31
Tudo é
Não sabendo o que é
Tudo se lança
E não sabe o que faz...

Ao mar,
Ao mar,
Vasta é a vida,
Curto o pesar.

32
Dor não rima.

Ora, ora, ora,
Após o solstício não é que a vida volta
A querer rolar por estas veias?

O longo inverno deixou marcas,
Mas que nenhuma permaneça.
Que da vida o vinho eu beba
E na embriaguez de mim me esqueça,
Quero aos olhos da minha alma
Só o agora ter presença,

Pois no presente tomo posse
E do porvir não me importo,
O passado se perdeu,
Do resto, só destroços,
Os enterro,
Pensas que choro?

E então já nada espero,
O que ocorra aconteça
Que em encontros e desencontros
Eu a mim mesmo venha
Em labirintos de espelhos
Nas ilusões tal eu se perca
Do exílio tenha volta
E com os olhos próprios veja

Que o dia por si anda, mas é meu,
Me escapa à distância, e ainda meu,
Acontecendo em acidentes,
Eu.

Avesso, reverso, o contrário e o mesmo.

Se não tivesse me desfeito em partes,
Como poderia dizer
O que a ti é natural
Em tudo que fazes?

E não ter por muletas palavras,
Carcaças sem alma,
Esqueletos mórbidos.

Adeus pobres rimas,
Jamais voltarei
A ti poesia.

33

“Um mundo que se pode explicar mesmo com raciocínios errôneos é um mundo familiar. Mas num universo relativamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se torna um estrangeiro. É um exílio sem solução porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e a sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo.”

A. Camus